

As representações sociais e a auto-imagem do jornalista

Adriana Santana

Resumo

O fazer jornalístico, mais notadamente a profissão de jornalista, está presente no imaginário coletivo através de uma série de estereótipos e classificações. O objetivo deste artigo é apresentar um primeiro delineamento da construção do imagético da figura do jornalista através das descrições outorgadas pelo próprio campo, fruto de uma auto-definição: os jornalistas por eles mesmos. Com o intermédio da noção de representações sociais, pretende-se compreender não apenas como os jornalistas se vêem e interpretam, mas também se e de que modo retratam as dualidades presentes no *modus operandi* da atividade.

Palavras-chave:

Auto-imagem dos jornalistas, Representações sociais, Teorias do jornalismo

Social representations and the journalist's self image

Abstract

The making of journalism, specially the profession of journalist, is in the collective imagination as a series of stereotypes and classifications. This paper aims to present a first draft of the journalist's social image, through the descriptions provided by the very field, as the result of a self-definition: the journalists by themselves. According to the social representations' concept, this paper seeks to understand not only how journalists see and interpret themselves, but also whether and how they portray the dualities present in the *modus operandi* of the activity.

Key words:

Journalists' self image, Social representations, Journalism theories

Sobre a autora

Doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
adriana.santana@superig.com.br

Descrição da pesquisa

Pessoa que, por profissão, escreve jornais. É de tal maneira sucinta e marcadamente restritiva que o *Língua Portuguesa Online* descreve o jornalista. No imaginário que envolve a atividade, o estereótipo do repórter infatigável, 24 horas em alerta, que não se furta a sacrificar a vida pessoal em nome de uma boa matéria, também é acompanhado de uma visão menos romântica. O jornalista, por vezes, é descrito como o “bisbilhoteiro”, aquele que distorce a verdade e destrói reputações.

A essas duas esferas de representações dos jornalistas – a do profissional comprometido com a busca pelos fatos, em nome da “verdade e justiça”, *versus* o disseminador de fofocas, ávido por chegar aos segredos mais resguardados das personalidades – vêm se somar as diversas nuances produzidas pelas auto-representações jornalísticas.

No senso comum jornalístico, além dos chavões, coexiste também um binômio antagônico que revela, mais uma vez, a linha demarcatória que estabelece duas facetas diversas da mesma moeda “periodística”. Por um lado, o ator social que é cotidianamente constrangido (Breed, 1993) pelo sistema empresarial dos veículos de comunicação. Por outro, o profissional que goza de uma limitada, mas relevante autonomia no que concerne à publicação de fatos que reúnam um ou vários critérios de noticiabilidade – características que, apesar de classificadas e classificáveis, não escapam à subjetividade de escolha.

O propósito deste artigo é promover uma análise acerca das auto-representações outorgadas pelo interior do campo jornalístico ao próprio fazer profissional. O objetivo é delimitar algumas auto-imagens produzidas por jornalistas, de modo a destacar possíveis recorrências, através de um corpus formado por duas vertentes passíveis de formação de auto-representações jornalísticas. A primeira, conteúdos noticiosos nos quais os jornalistas são a própria notícia. A segunda, a reflexão de jornalistas – no exercício da profissão – na descrição da atividade e do próprio “ser e estar” jornalístico.

Este texto recorrerá a conceitos caros à perspectiva da sociologia do conhecimento e à psicologia social no que se refere às representações sociais, aliados às teorias do jornalismo e bibliografias – tanto de teor e natureza acadêmica quanto profissional – voltadas à definição do jornalista.

A intersecção com a teoria das representações sociais se faz imprescindível não apenas como meio de se dialogar com o processo de formação das auto-representações, mas, principalmente, para se responder à necessidade de compreensão de que maneira atores do campo jornalístico vêm, retratam e conhecem a ‘realidade’ da profissão à qual estão interligados.

**Volum quis aute
consequ ismodit
ipisim voloborero
consed et, sismodion
elisi.**

**Giam, se conse
dolore modit, core
deliquis nit nulput
amet veriliqui el
euguro do ea ad
minis esseniate
dolortiniam in
eugiatie mincin**

O presente trabalho parte, aprioristicamente, da noção que é justamente esse conhecimento “que constitui o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade pode existir” (Berger & Luckmann, 1973). Em questão, optarei por traçar recorrências nas auto-representações jornalísticas verificadas com o intuito de chegar próximo às visões que jornalistas comungam a respeito do ser e fazer jornalístico. A idéia é, de posse das construções sociais dessa parcela específica do real, contribuir em alguma instância para a compreensão das variáveis que conferem sentido ao cotidiano jornalístico.

Questões de método

Partindo da necessidade de se responder ao problema de pesquisa – se e de que modo a auto-representação jornalística reflete as dualidades presentes na realidade profissional –, optou-se pela análise de 30 textos de jornalistas sobre jornalistas veiculados entre o período de janeiro a abril de 2008 em jornais online, todos obtidos através da indexação do engenho de buscas *Google*. Utilizou-se “jornalista” como palavra-chave da busca, com a opção de filtro para que fossem mostrados apenas textos noticiosos. A partir daí foram sendo catalogadas, num primeiro momento, matérias cujo tema principal eram jornalistas.

Ao analisar discursos, este artigo parte inicialmente da noção da linguagem que, por ser uma prática social, “pode objetivar, cristalizar a subjetividade” (Berger; Luckmann, 1973: 58), “construindo edifícios de representação simbólica” (*ibid.*: 61).

Nesse recorte, foram excluídas as notícias sobre prisões, seqüestros e acidentes envolvendo os profissionais da notícia. A decisão de não utilizar esses textos responde a duas preocupações: a primeira diz respeito à natureza peculiar dessas matérias. O foco dessas notícias não trata, necessariamente, do jornalista em si, mas do extraordinário, da quebra no cotidiano, de situações de risco que vitimam os profissionais. A segunda se refere à necessidade de realização de uma análise específica desse ‘quase-gênero’ de notícias, o de jornalistas vitimados durante o exercício profissional, a serviço de veículos de comunicação, o que não será objeto deste artigo.

A escolha dos textos que passarão por uma análise mais adiante obedeceu a uma lógica metodológica de análise de conteúdo jornalístico descrita por Herscovitz (2007), através da qual o material é recolhido e analisado a partir de uma amostra (neste caso, não-aleatória), para que se realize “inferências sobre seus conteúdos e formatos” (*ibid.*: 127). Ainda seguindo a proposição da autora, tentou-se aliar uma perspectiva quantitativa (contagem e catalogação de recorrências) à qualitativa – “avaliação de conteúdo latente” (*ibid.*:127), de modo a obter resultados mais

**Volum quis aute
consequ ismodit
ipisim voloborero
consed et, sismodion
elisi.**

**Giam, se conse
dolore modit, core
deliquis nit nulput
amet veriliqui el
euguro do ea ad
minis esseniate
dolortiniam in
eugiatie mincin**

Assim, o *corpus* da análise passou a ser formado por duas categorias de textos que tratam da *persona* jornalística. A primeira sendo constituída por matérias em que o jornalista é o próprio foco da notícia, veiculados na imprensa – impressa ou online, indexadas pelo *Google* – e escritos em língua portuguesa. Na segunda, em menor escala, serão postos em análise alguns dados extraídos de 17 entrevistas¹ realizadas com jornalistas pernambucanos, com foco no fator tempo como condutor da atividade jornalística.

Apesar de a base teórica em representações, utilizada como embasamento a este artigo, se compor tanto da abordagem das ciências sociais quanto da psicologia social, não se optou neste estudo pela ‘defesa’ de nenhuma dessas correntes. O propósito é, através das representações sociais destacadas de discursos realizados por e sobre jornalistas, visualizar parcelas da construção social da realidade jornalística, realizada por quem faz parte do campo.

As representações e o jornalismo

Mesmo sem a preocupação e a intenção de definir ou mesmo defender determinadas posições a respeito da teoria das representações sociais, faz-se necessário esclarecer qual noção de representação irá nortear esta análise.

Dessa forma, optou-se pela definição de Moscovici (2003: 40), com a expressão “criaturas de pensamento”, aquilo que as pessoas percebem e imaginam, que acabam por se constituir “em um ambiente real, concreto”. E são justamente essas formas comuns de percepção e imaginação que, de acordo com o autor, formam a base das reações humanas aos acontecimentos e a estímulos. No caso deste artigo, as “criaturas de pensamento” se referem ao modo como os jornalistas se auto definem, visualizados em matérias jornalísticas nas quais são objeto.

É, naturalmente, muito vasta a bibliografia a respeito do jornalismo, assim como é extensa a lista de definições do jornalista, quer sejam realizadas por estudiosos ou “praticantes” da atividade – Balzac (2004), Noblat (2004), Travancas (1993), Lobato (2005), Marcondes Filho (2002), Traquina (2004), Ribeiro (1994), Neveu (2006), Silva (2000), dentre tantos outros.

Nas classificações do profissional da notícia, pode-se elencar um igualmente vasto número de categorias, mas é possível agrupá-las em pelo menos quatro classes básicas. A primeira, e mais comum, é a definição do jornalista “ideal”, que cumpre um papel social dentro da sua atividade. A segunda, também costumeira, traz uma visão mais negativa, geralmente referenciada em desvios deontológicos.

Uma terceira ressalta o jornalista como produto e disseminador ideológico das indústrias culturais e, por isso mesmo, refém absoluto das estratégias do sistema político-econômico no qual é inserido. Por fim, há a classificação do repórter que o situa

¹ Questionários aplicados com repórteres e editores do *Jornal do Commercio* e *Diario de Pernambuco* e assessores de imprensa atuantes no Recife. As entrevistas foram realizadas pela autora em 2005, e fizeram parte da pesquisa de mestrado CTRL+C CTRL+V: A Cultura do Release nos Jornais Pernambucanos.

num *locus* de entremeio, na linha demarcatória entre o ator social submetido e constrangido às regras do jogo empresarial e o profissional que encontra algumas brechas, fissuras (Moretzsohn, 2007) através das quais consegue realizar um jornalismo com finalidade crítica.

Naturalmente, essas quatro grandes classes de definição do jornalista são de natureza empírica, notadamente marcadas pelo senso-comum, mas que se prestam a um panorama introdutório das representações do campo. Representações essas que, a exemplo de todas as tentativas de definições e nomeações, têm por finalidade “tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade” (Moscovici, 2003: 54). É através desse ato de nomear e classificar algo, por conseguinte, que são reveladas as teorias “da sociedade e da natureza humana” (*ibid.*: 62).

Jornalistas em foco: dados e análise

O *corpus* de investigação deste trabalho se compõe de 30 notícias publicadas em veículos de comunicação na internet, no período que engloba os meses de janeiro a abril de 2008, e de 17 depoimentos colhidos com jornalistas que atuam em jornais e assessorias de comunicação baseados no Recife, no ano de 2005. A exceção é por conta de três matérias, veiculadas nos anos de 2005, 2006 e 2007, e que foram indexadas pelo *Google* na busca pela palavra-chave “jornalista”, com a opção de procura apenas em sites noticiosos.

As matérias – cujo foco/temática principal é um jornalista específico ou jornalismo como profissão - foram catalogadas, por ordem de aparecimento no engenho de buscas, numa planilha eletrônica, conforme imagem abaixo:

Planilha 1- Jornalistas são notícia

Veículo	Data	Título
Diário de Notícias/Opinião	06 de julho de 2007	Ser jornalista é chegar atrasado assim que possível
Publifolha	17 de agosto de 2007	Jornalista
Comunique-se	07 de abril de 2005	Ser repórter é estado de espírito. Ser jornalista é profissão
Correio da Manhã (Portugal)	não informada	Jornalistas encantam os nossos políticos
AFP	06 de fevereiro de 2008	Família queniana de Obama se queixa do assédio dos jornalistas
Diário de Pernambuco	18 de janeiro de 2008	Jornalistas britânicos visitam Pernambuco
Diário Digital (Portugal)	17 de janeiro de 2008	Três jornalistas da NHK na mira da justiça
Último Segundo	11 de fevereiro de 2008	BBC procura novos âncoras prevendo aposentadoria de veteranos

**Volum quis aute
consequ ismodit
ipisim voloborero
consed et, sismodion
elisi.**

**Giam, se conse
dolore modit, core
deliquis nit nulput
amet veriliqui el
euguro do ea ad
minis esseniate
dolortiniam in
eugiatie mincin**

Diário Digital (Portugal)	05 de fevereiro de 2008	Morreu Rose Hacker, a jornalista mais velha do mundo
Estadão	04 de fevereiro de 2008	Eu sou um jornalista inusitado
O Globo Online	31 de janeiro de 2008	Jornalista brasileiro conta que não consegue esquecer a Guerra do Vietnã.
O Globo Online	16 de janeiro de 2008	Jornalista é assaltada em Niterói: 'Sempre existe uma primeira vez'
UOL Esporte	18 de fevereiro de 2008	Guarani multa atacante por confusão com jornalista
Estadão	14 de abril de 2008	Morre o jornalista Eduardo Martins
Estadão	14 de abril de 2008	O corrido dia-a-dia de um curioso jornalista
Jornal Pequeno	13 de abril de 2008	Jornalista consagrado ensina como investigar empresas, governos e tribunais
Correio da Manhã (Portugal)	12 de abril de 2008	Morreu jornalista Ângelo Granja
Folha Online	14 de abril de 2008	Bóris Casoy estréia hoje na Band
Jornal de Angola	14 de abril de 2008	Jornalista do Madagáscar vence prêmio de jornalismo
O Globo Online	07 de abril de 2008	O bom jornalista nunca está completo
O Globo Online	07 de abril de 2008	Jornalista acusa direção de emissora e Planalto de interferência
Página 20	10 de abril de 2008	Jornalista recebe título de membro da ALA de Senador Guiomar
Gazeta de Alagoas	05 de abril de 2008	Jornalista Freitas Neto é homenageado
A Tarde Online/Agência Estado	11 de abril de 2008	Dois fotógrafos são presos em cidade do norte do Egito
Correio da Manhã (Portugal)	05 de abril de 2008	Jornalista não entra
Última Hora	31 de março de 2008	Morreu Jornalista Horácio Caio, primeiro repórter de guerra em Portugal
Agências de Notícias do Acre	07 de abril de 2008	
Correio do Estado	27 de março de 2008	Jornalista viaja 33 mil Km em duas rodas e lança documentário
Infonet	07 de abril de 2008	Ivan Valença, 50 anos de jornalismo - O profissional
Cidade Verde.com	05 de abril de 2008	Mãe de Amadeu revela que ele brincava de ser repórter

Para fins de categorização, além dos dados referenciais (veículo, data de publicação, título, autor), foram destacados de que modo era realizada a descrição do jornalista e a valoração para as características realçadas pelo texto (positiva, negativa ou neutra).

Após essa catalogação, procurou-se identificar as recorrências apontadas nos textos. Chegou-se a um número de 27 características. Dessas, a “campeã” de menções foi a que se referia ao jornalista como profissional que exerce um papel social (pouco mais de 52%, ou 16 vezes), seguida de profissional que trabalha muito, com uma rotina cansativa e sem hora para terminar (37%, 10 citações) e de ator social que é ousado e corajoso (29%, 8 citações). Outras características que são ressaltadas nos textos são a de profissionais que gozam de relações com o poder (22%, 6 citações), vítimas de censura, do poder econômico-político (5 citações, 18%) e outros 18% que denominam o jornalista como “competente” e culto, como podem ser identificados na Planilha 2:

Volum quis aute consequ ismodit ipisim voloborero consed et, sismodion elisi.

Giam, se conse dolore modit, core deliquis nit nulput amet veriliqui el euguro do ea ad minis esseniate dolortiniam in eugiatie mincin

Planilha 2 - Características recorrentes

Características	Recorrências
profissional que não luta para mudar/acomodado	1
rotina cansativa/muito trabalho	10
papel social	16
testemunha do tempo/da história	4
tendência a julgar a condenar	1
relação com poder e fontes	6
intromissão à vida alheia	2
uso indevido de informações	1
persistência/insistência	1
ousadia/coragem	8
profissão para jovens	1
Agressividade	1
Arrogância	1
Ativismo	2
relação estreita com a tecnologia	2
cobrança da sociedade	1
vítima (de censura, do poder econômico etc)	5
paixão pela profissão	3
espírito crítico	3
Competência	5
inventividade/criatividade	3
Investigador	2
Elitista	1
busca pela ética	2
Mentiroso	1
falta de reconhecimento/más condições de trabalho	1
Polêmico	1

Em relação à valoração dos conceitos atribuídos aos jornalistas por esses 30 textos analisados, um total de 53% apresentaram um caráter essencialmente positivo, ou seja, que ressaltava alguma ou várias características positivas desses profissionais, a exemplo de coragem, espírito crítico, paixão pela profissão. Apenas 2% das matérias apontavam dados unicamente negativos do profissional da notícia. O restante se situava entre posições mais neutras (26%) ou aliando características negativas a outras positivas (16%), ressaltando o caráter dual da profissão.

As entrevistas realizadas com 17 jornalistas tiveram como foco a ingerência do fator tempo no dia-a-dia da profissão, com vistas a compreender de que modo a velocidade necessária à apuração, redação e publicação de matérias influenciava a qualidade da produção e, conseqüentemente, com a satisfação profissional.

O grupo entrevistado era formado por oito repórteres, quatro editores e cinco assessores de imprensa. A média de idade desses

**Volum quis aute
consequ ismodit
ipisim voloborero
consed et, sismodion
elisi.**

**Giam, se conse
dolore modit, core
deliquis nit nulput
amet veriliqui el
euguro do ea ad
minis esseniate
dolortiniam in
eugiatie mincin**

profissionais era de 29 anos, com um tempo médio de profissão de 7,8 anos. De modo a assegurar o maior nível de veracidade possível nas respostas, bem como evitar constrangimentos, todos os questionários foram respondidos anonimamente, sem identificação de nome ou veículo ao qual o profissional está ligado (embora alguns entrevistados o citassem nas respostas).

Dentre os 17 jornalistas, 66% afirmaram não dispor de tempo suficiente para realizar o trabalho cotidiano, apesar de 91% terem informado realizar, ao menos esporadicamente, matérias especiais, que demandam um investimento maior – inclusive de tempo – das redações.

Boa parte dos profissionais ouvidos – 83% - afirmou não estar satisfeito com o trabalho realizado por eles e pelos colegas. A falta de qualidade foi o fator mais apontado – 60% - para essa insatisfação, causada, de acordo com 40% dos entrevistados – pelo acúmulo de funções no exercício do jornalismo.

Já a maioria dos assessores – 80% -, a respeito da visão dos jornalistas sobre assessoria de imprensa, afirmaram perceber um tratamento pejorativo dos repórteres e editores, apesar de 70% dos jornalistas “de batente” ouvidos acreditarem o trabalho de assessoria pode ser classificado como jornalismo.

Algumas conclusões

Ao menos no que se refere ao recorte temporal e de conteúdo realizado neste trabalho, consegue-se inferir que os jornalistas, ao retratar outros jornalistas em textos noticiosos, se auto-referenciam de forma positiva – o que pode ser embasado com o total de 82% de notícias que elencavam características positivas e/ou neutras do profissional atuante no jornalismo. Apenas 2% das notícias analisadas continham um viés completamente negativo acerca da profissão.

Na construção dessa auto-representação, através dos discursos destacados ao longo da análise, o jornalista é descrito como um importante ator social, que exerce o seu grande volume de trabalho numa rotina cansativa, com muito acesso às esferas de poder, e que conta para vencer os obstáculos (censura, pressão dos padrões) com uma boa dose de coragem, ousadia e espírito crítico, além de competência no que faz. Além disso, tem o privilégio de ser testemunha do seu tempo e da História.

O caráter de ação social exercido pelo jornalista, a maior recorrência encontrada no *corpus* analisado neste trabalho, é corroborado por Neveu (2006: 37) quando afirma que boa parte dos profissionais de redação “vivem seu trabalho como uma missão de serviço à população, a quem eles levam informações úteis”.

Para o autor, a identidade compartilhada pelos jornalistas reflete as propaladas funções de mediação, pedagogia e organiza-

**Volum quis aute
consequ ismodit
ipisim voloborero
consed et, sismodion
elisi.**

**Giam, se conse
dolore modit, core
deliquis nit nulput
amet veriliqui el
euguro do ea ad
minis esseniate
dolortiniam in
eugiatie mincin**

ção que teriam o jornalismo, com o objetivo de colocar ordem em meio ao caos de acontecimentos. A respeito da paixão pelo *métier*, também uma das representações mais destacadas no levantamento, Neveu ressalta que:

[...] as imagens da ‘atualidade como droga’ para o jornalista ‘viciado no acontecimento’ não são impróprias para descrever essa dimensão emocional, a descarga de adrenalina que acompanha a exaltação de ter um furo, de estar no camarote para cobrir um momento importante da vida social.” (Neveu, 2006:37.)

Sobre as relações de poder experimentadas no exercício da profissão, que perfizeram 22% das recorrências catalogadas, o poeta Fernando Pessoa vaticinou que “o jornalismo é um sacerdócio porque tem a influência religiosa de um sacerdote” (Pessoa, 1973: 263).

Essas representações reveladas através dos 30 textos que compuseram o *corpus* diferem pouco da visão romântica propagada pelo senso-comum e, por outro lado, divergem de muitas das conceituações realizadas por teóricos e acadêmicos a respeito do jornalista. Traquina (2004), por exemplo, lembra que o jornalismo tem historicamente ocupado um espaço de escala pouco privilegiada nas esferas das profissões.

Essa visão do caráter por vezes “marginal” da profissão, imbuída de um viés pejorativo, é reiterada por autores como Kunczik (2001), para quem não é possível uma definição clara do jornalismo como profissão “porque não existe, por exemplo, uma definição clara da clientela (o público) e há jornalistas (por exemplo, de entretenimento) que só se interessam especificamente por sua ambição pessoal e consideram e tratam o público como crédulos simplistas” (Kunczik, 2001: 38).

O pessimismo ante o futuro dos jornalistas também é cristalizado pela expressão “cemitério de carreiras abortadas”, que Marcondes Filho (2000: 55) utiliza para denominar as incertezas e dificuldades da carreira.

Balzac, ele próprio tendo exercido a função de jornalista e crítico voraz da atividade, se dedicou a escrever um livro (*Les Journalistes*, publicado originalmente em 1843) no qual dissecou, com muita acidez, a “fauna” de jornalistas existente na Paris de meados do século XIX. É dele o já lendário axioma: “se a imprensa não existisse, seria preciso não inventá-la” (Balzac, 2004:166).

O fator da rotina estressante, do estar “sempre alerta” (Ribeiro, 1994), presente em 37% das referências, e o do tempo escasso (lembrado por 66% dos repórteres e editores entrevistados), é ratificado por Travancas (1993) ao descrever a sobrecarga de trabalho dos jornalistas e ressaltar que, em consequência da tensão nas redações, as doenças que aparecem com maior frequência entre

**Volum quis aute
consequ ismodit
ipisim voloborero
consed et, sismodion
elisi.**

**Giam, se conse
dolore modit, core
deliquis nit nulput
amet veriliqui el
euguro do ea ad
minis esseniate
dolortiniam in
eugiatie mincin**

os jornalistas sejam “úlceras, cardiopatias e outras ligadas ao alto consumo de álcool” (1993:32).

Marques de Melo (2003), em contrapartida, apesar de reconhecer uma série de desilusões e crises pelas quais a profissão tem passado, afirma que o jornalismo brasileiro tem mantido “uma personalidade própria, ampliando suas relações com outras sociedades e culturas, mas preservando modos singulares de expressão informativa e de organização do trabalho jornalístico” (*ibid.*: 15).

O caráter paradoxal existente nas auto-representações do jornalista, que Ribeiro (1994: 165) classifica como “identidade profissional e pessoal contraditória”, percebidas ao se visualizar, num mesmo texto/discurso, a paixão pelo ofício aliada à descrição de rotinas massacrantes, parece refletir as dualidades que esse grupo profissional enfrenta, de fato, no exercício cotidiano da atividade.

A representação, vista não como uma ação passiva, mas uma “reconstrução do dado em um contexto de valores, associações, regras e associações” (Leme, 1993: 48), com “teorias’ internalizadas que serviriam para organizar a realidade” (*id.*, *ibid.*), é uma forma de conhecimento. Que não só reflete, como participa da construção social de realidades. Dessa maneira, analisando modos de os jornalistas se auto-representarem, verifica-se não apenas uma tentativa de organizar o pensamento sobre o fazer profissional, mas também um esforço coletivo, um “universo consensual” (Moscovici, *op. cit.*), através do qual os jornalistas procuram encontrar “soluções” para seus dilemas éticos, para os obstáculos que se impõem no cotidiano jornalístico.

Com essa análise, buscou-se chegar a uma primeira – e ainda em construção – compreensão das várias representações que conferem sentido ao jornalista, e de visualizar maneiras pelas quais os profissionais da notícia encontram para conviver com instâncias díspares e contraditórias da profissão. Que as reflexões contidas neste trabalho possam contribuir para o entendimento e buscas por reconhecimento do jornalista e do papel que ele (ainda) ocupa no contexto contemporâneo.

Referências

- BALZAC, Honoré de. *Os jornalistas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.
- BREED, Warren. *Controlo Social na Redacção: Uma Análise Funcional*. In TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja, 1993.
- HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de Conteúdo em Jornalismo. In: LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia (org). *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

- KUNCZIK, Michael. *Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul: Manual de Comunicação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- LEME, Maria Alice Vanzolini da Silva. O impacto da teoria das representações sociais. In SPINK, Mary Jane (org). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- LÍNGUA Portuguesa Online (<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>).
- LOBATO, Elvira. *Instinto de Repórter*. São Paulo: Publifolha, 2005.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e Jornalismo: A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker, 2002.
- MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo Brasileiro*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- MORETZSOHN, Sylvia. *Pensando contra os fatos. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigação em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- NEVEU, Érik. *Sociologia do Jornalismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- NOBLAT, Ricardo. *O que é ser jornalista*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- PESSOA, Fernando. Argumento de jornalista. In *Obras em Prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1972.
- RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Sempre alerta: Condições e contradições do trabalho jornalístico*. São Paulo: Olho D'Água, 1994.
- SILVA, Juremir Machado. *A miséria do Jornalismo Brasileiro: as (in)certezas da mídia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- TRAVANCAS, Isabel. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus, 1993.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são*. Vol 1. Florianópolis: Insular, 2004.

Recebido em 30 de agosto de 2008
Aprovado em 25 de outubro de 2008